

OS ESTRANHAMENTOS E OS DESAFIOS DE REALIZAR UMA PESQUISA COM CRIANÇAS – ITINERÂNCIAS METODOLÓGICAS

THE STRANGENESS AND CHALLENGES OF CONDUCTING RESEARCH WITH CHILDREN - METHODOLOGICAL ITINERANCIES

 <https://orcid.org/0000-0002-8097-087X> Débora Medeiros do Amaral ^A

^A Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Rio Grande, RS, Brasil

Recebido em: 16 out. 2020 | **Aceito em:** 22 jun. 2021
Correspondência: Débora Amaral (deboraicmrg@gmail.com)

Resumo

Esta escrita conta a história e os caminhos percorridos na constituição de uma pesquisadora movida pelo desejo de investigar as marcas e os significados da casa de abrigo para as crianças que ali viviam. Uma pesquisa provocada por inquietações vividas pela pesquisadora enquanto atuava como atendente na instituição. A atendente-pesquisadora passou a ouvir as crianças, buscando compreender suas manifestações e linguagens, por meio da observação e da escuta atenta. Em muitos momentos, o adulto que habitava a pesquisadora não era capaz de compreender gestos, manifestações e denúncias feitas sem palavras. Ao contar sobre a constituição da pesquisadora e sobre os contextos de uma pesquisa com crianças, este texto busca atentar para os caminhos metodológicos e para suas itinerâncias. Este relato de experiência é um convite a pensar escolhas e possibilidades metodológicas.

Palavras-chave: Metodologias; Infâncias; Conversa; Casas de abrigo.

Abstract

This paper tells the story and the paths taken in the constitution of a researcher driven by the desire to investigate the marks and meanings of the shelter home for the children who lived there. The researcher provoked by iniquities while she was working as an attendant in the institution. The researcher-attendant started to listen to the children, trying to understand their manifestations and languages, through observation and attentive listening. At many moments, the adult that inhabited the researcher was not capable of understanding gestures, manifestations and denunciations made without words. By telling about the constitution of the researcher and about the contexts of a research with children, this text aims at paying attention to the methodological paths and their itinerancies. This experience report is an invitation to think about methodological choices and possibilities.

Keywords: Methodologies; Childhoods; Conversation; Houses of refuge.

Um reencontro com a pesquisa

*Eu ia deslumbrada pelos caminhos sem nexo do escuro sono,
quando alguém soluçou.
Onde, nas algas profundas, se enredava essa dor?
(seu pranto doía no mundo).
Quem soluçava em meu sonho, tão perto que me acordou?
(Helena Kolody, poetisa paranaense)*



Escolho a poesia de Helena Kolody para dar início a este texto. Essa poesia me acompanha desde a escrita da dissertação de mestrado. São palavras que ainda me provocam. Quem ainda soluça em meus sonhos, tão perto, que me acorda para o desejo de pesquisar? E quando acordo, o que é possível pensar, fazer, escolher, narrar? E para isso, que caminhos metodológicos trilhar? Sempre que falo/escrevo a palavra caminho, uma voz ecoa no pensamento: caminhante, o caminho se faz caminhando (FREIRE, 1996). Este texto é um convite a caminhar, um convite a revisitar uma experiência de pesquisa com crianças, atentando para as itinerâncias metodológicas que se deram a partir do encontro com elas em uma casa de abrigoⁱ.

Finalizei minha dissertaçãoⁱⁱ de mestrado em 2006, uma dissertação que tinha como temática compreender as marcas e significados da casa de abrigo na vida de crianças institucionalizadas. Por catorze anos essa experiência ficou adormecida. Somente agora, com a inserção no Doctorado en Educación, no Programa Específico de Formación en Investigación Narrativa y (Auto)biográfica en Educación – UNR, me permiti revisitar a escrita, e por meio dela reviver a experiência investigativa daquele momento.

Esse reencontro com a pesquisa, provoca-me a revisitar alguns escritos, pensamentos, andanças e descobertas registradas na dissertação. O prazer que perdi quando concluí o trabalho, reencontrou-me quando o revisei por meio da leitura. Na realização da pesquisa de mestrado, pude trilhar caminhos investigativos e metodológicos que dialogavam com os estudos pós-estruturalistas e a Sociologia da Infância. Ainda não conhecia a investigação narrativa. Mas ao reler minha escrita naquela dissertação, percebi em mim muitas presenças deste campo epistemológico. O compromisso ousado de realizar uma pesquisa com crianças me permitiu questionar algumas escolhas metodológicas. Neste relato de experiência vou contar um pouco dos movimentos metodológicos vividos no contexto da pesquisa de mestrado. Caminhos de itinerância metodológica entre entrevista e conversa.

Contextualizando a pesquisa: inquietações, olhares e experiências da “tia gordinha” em uma casa de abrigo

Atuar como atendente em uma casa de abrigo foi minha primeira experiência profissional após a conclusão do Curso de Pedagogia. Uma colega que havia feito a graduação comigo me indicou para a instituição e, em seguida, fui chamada para uma seleção de trabalho junto ao grupo diretivo. Ao redor da mesa do escritório, iniciou-se uma conversa sobre a instituição, os afazeres e as dificuldades de uma atendente para realizar seu trabalho nesse

espaço. Lembro que o banho, as trocas de fraldas, os momentos de higiene e de alimentação foram rotinas apresentadas como desafios no trabalho de uma atendente, ainda mais para uma pessoa que ainda não era mãe. Mas, foram essas rotinas que despertaram em mim o desejo de ser atendente naquela instituição. Senti-me provocada enquanto profissional da primeira infância, recém-formada no curso de Pedagogia, no qual cursei a disciplina de Educação Infantil e aprendi que o banho, a troca de fraldas, o lavar das mãos, entre outras ações, constituem a complexidade do ato de educar.

A educação é por mim compreendida como um ato que é anterior às técnicas, às avaliações e às métricas. É uma ação de vida, de encontro, de afeto, que marcada pelo passado e pela esperança de transformação do futuro é, num tempo em si, presente. Assumir esse tempo presente é de uma enorme complexidade, porque viver a intensa relação com as crianças, nos seus tempos, nas suas brincadeiras, em diálogo com suas interações com o mundo, em muitos momentos, é estar na contramão da lógica da produção e da razão.

A casa de abrigo é uma instituição que produz marcas nas crianças e adultos que ali moram e trabalham, e estes também produzem marcas na instituição. No ano em que iniciei a trabalhar na instituição, ela abrigava crianças de 0 a 13 anos de idade, que chegavam à casa encaminhadas de forma judicial, por estarem em situação de risco ou de abandono. Infâncias vividas em tempos e espaços institucionalizados, reinventando, inventando e sendo inventadas por meio das relações com seus pares e com os adultos que ali trabalham.

Cheguei àquela instituição de abrigo levando comigo tantos conceitos sobre infâncias, sobre o cuidar e o educar de forma indissociável, sobre o direito da criança e da família à Educação Infantil, e sobretudo, discursos defendidos por mim sobre a defesa da docência enquanto profissão. Afinal, Paulo Freire (1997) já nos dizia: professora sim, tia não! Mas, minha atuação na casa de abrigo, permitiu-me compreender que alguns discursos só ecoam em alguns contextos, e esse discurso ecoava e era impregnado de sentido na instituição escolar. Mas, ali, na instituição de acolhimento, junto com as crianças, a palavra tia parecia ser carregada de sentido, tornando-se uma palavra possível na minha relação com as crianças. E aos poucos, durante nossas manhãs de convivência, entre práticas de cuidado/educação, fui me constituindo a “tia gordinha”, pois era assim que as crianças carinhosamente me chamavam.

Lá, no contexto da dissertação, a poesia de Helena Kolody conversou com alguns sentimentos vividos no período de inserção e constituição da atendente, educadora e pedagoga: que infância era aquela, tão diferente de um ideal infantil estudado ao longo de minha formação pedagógica? (*Seu pranto doía no mundo*). Meu olhar inicial acerca das crianças abrigadas era

de condolência, pena, piedade, pois não conseguia enxergar nelas a concepção de infância que havia idealizado ao longo de minha formação inicial, uma infância escolar, feliz, romantizada. Inicialmente, percebi as crianças como seres infelizes e vitimizados.

A experiência como atendente, suscitou em mim inquietações, que despertaram o desejo de realizar uma pesquisa sobre infâncias institucionalizadas em casas de abrigo. E foi vivendo o cotidiano da instituição que dei meus primeiros passos, trilhei caminhos iniciais enquanto pesquisadora, senti a necessidade de conhecer mais sobre aquele lugar, de atentar as manifestações infantis, suas vozes e formas de perceber o mundo e as relações ali vividas.

Nessa transição entre atendente e pesquisadora comecei a olhar para as crianças com outros olhos, de forma que os sentimentos de pena e condolência foram diminuindo. As formas como elas iam modificando as experiências vividas saltavam aos meus olhos. Como, apesar de todo sofrimento que vivenciaram, ainda havia espaço para o riso, o sonho e a fantasia? Que interpretações de mundo eram aquelas, nas quais utilizavam recursivamente o imaginário, a mistura de fantasia e realidade, e assim, interagiam de formas tão diferentes?

(Quem soluçava em meu sonho, tão perto que me acordou?) Descobri que quem soluçava em meu sonho eram as crianças, por meio de suas vozes e manifestações, que falavam sobre as marcas e os significados da instituição em suas vidas. Mas também, em muitos momentos era eu quem soluçava nesse sonho, quando por vezes, me sentia incapaz de compreender o universo infantil, quando percebia que as ferramentas e os métodos de pesquisa conhecidos não davam conta da especificidade de uma pesquisa com crianças pequenas ainda não alfabetizadas.

Compartilhar os sentimentos vividos na constituição de uma atendente-pesquisadora é um convite a pensarmos sobre nossas escolhas metodológicas no desenvolvimento de nossas pesquisas. Em 2006, estar atenta às perspectivas das crianças foi um movimento novo e desafiador, que talvez continue desafiador ainda hoje, uma vez que naquele tempo e contexto as pesquisas com crianças no Brasil eram recentes, e havia poucos estudos na área da educação realizados em casas de abrigo.

Ouso escrever e (re)escrever sobre essa experiência investigativa, por entender que ela pode contribuir com movimentos outros de formação, pesquisa, estudo sobre as infâncias, à medida que conto os desafios e os caminhos percorridos para a realização da pesquisa.

Na tentativa de compreender os significados e as marcas da instituição na vida das crianças pude perceber que a casa de abrigo é um lugar complexo e de múltiplas interações, onde as crianças vivenciam diferentes tempos e espaços, como o momento das rotinas, dos

passeios à casa dos padrinhos afetivos, da inserção na escola regular e em outros espaços educativos, como a Escola de Natação. Nesse sentido, ao longo da pesquisa, fui percebendo que a instituição de acolhimento exercia uma função que ia além do abrigo oferecido a essas crianças. Além de um lugar para estar, a casa de abrigo se configurava num lugar de disciplinamento e ressocialização. E foi compreendendo o fazer da instituição, que cheguei à questão de pesquisa: como são marcadas as identidades infantis de crianças oriundas de comunidades economicamente pobres numa casa de abrigo?

E com o propósito de encontrar respostas, realizei inúmeras leituras, dialoguei com referenciais teóricos da Sociologia da Infância, que escreviam sobre pesquisa com crianças (ALDERSON, 2005; CORSARO, 1997, 2003; GRAUE; WALSH, 2003; MONTANDON, 2001; PLAISANCE, 2004; QUINTEIRO, 2002; SARMENTO, 2002, entre outros). Em diálogo com esses referenciais fui compreendendo, nas ressonâncias de cada leitura, que as crianças são atores sociais, produzem culturas, escrevem suas histórias, criam e burlam regras, compõem culturas de pares, são muito mais que seres em desenvolvimento. Fui entendendo que não existe uma única infância, uma única forma de ser criança, mas uma pluralidade e uma diversidade de infâncias.

As leituras e os estudos sobre a História da Educação da infância (RIZZINI, 1993, 1995; SANTOS, 2000; GONDRA, 2002; PASSETI, 2000, entre outros) contribuíram de forma significativa para os diálogos que a dissertação me permitiu viver, tecer e compreender, pois levaram-me a atentar para a existência de algumas políticas voltadas às infâncias que atuaram como dispositivos de poder e de governo da conduta das crianças pobres e desvalidas desde o período colonial.

Também dialoguei com os estudos pós-estruturalistas e os estudos culturais para compreender a infância como resultante de práticas discursivas e disciplinares. Os estudos de Michael Foucault (1987) sobre o funcionamento das instituições disciplinares em busca de um bom adestramento dos corpos e das almas foram importantes para o melhor aprofundamento e compreensão da instituição na qual a pesquisa estava sendo realizada: uma casa de abrigo. Assim, na trama entre esses diversos referenciais, costuradas as vivências enquanto educadora e atendente neste espaço, bem como com as vozes e manifestações das crianças, fui dando significados à experiência investigativa. Esses referenciais me permitiram compreender que as instituições que abrigam crianças em situação de risco, em muitos momentos, podem ser caracterizadas como espaços de governo, disciplinamento e moralização das culturas infantis.

Nas tessituras entre as leituras e as possibilidades de, junto a elas, olhar para as práticas e o cotidiano de forma mais atenciosa, como quem procura, como quem atenta para o minúsculo que se apresenta, reinventa-se e se contradiz, pude compreender as relações de poder – até então compreendidas por mim como uma ação dos adultos sobre as crianças – como uma relação de forças que as crianças também são capazes de exercer sobre os adultos e seus pares, pois elas não são meramente passivas nas relações de poder, mas ativas nesses processos e assim, também exercem poder.

Foi presenciando, observando e atentando para essas relações que se constituíam no contexto da instituição, nas formas como as crianças iam estabelecendo suas relações de poder, que me senti instigada a realizar um movimento investigativo que ousasse me fazer compreender algumas inquietações provocadas pelo contexto do abrigo, pelas vidas e organizações das crianças e dos profissionais que atuavam na instituição, onde eu também era uma profissional. Assim, vi-me inquietada pelas práticas educativas ali vividas, pelas singularidades daquele lugar, pelas vozes e olhares daquelas crianças, e ousei percorrer caminhos investigativos, atrelando o trabalho de atendente ao desenvolvimento da pesquisa.

Compartilho neste texto um pouco da minha história e os caminhos percorridos na constituição de uma pesquisadora movida pelo desejo de investigar, a partir de sua atuação profissional, o que as crianças contavam sobre suas vivências na instituição, na tentativa de perceber como suas identidades iam sendo marcadas por essas vivências institucionalizadas. Foram momentos que também me marcaram, pelos muitos limites e desafios, uma vez que ouvir as crianças, compreender suas manifestações e linguagens, não foram ações fáceis de realizar, pois em muitos momentos o adulto que habita em mim, não era capaz de compreender alguns gestos, manifestações e denúncias que eram feitas sem palavras. Mas, que também me ensinaram que nossas práticas cotidianas são permeadas de escolhas, ações, experiências e fazeres que podem se tornar pesquisas necessárias para a compreensão do ato de educar, em suas especificidades, bem como sobre as nossas interações com as crianças, em especial em movimentos de investigação com as infâncias.

Crianças, entrevistas, conversas ... itinerâncias metodológicas

Nas andanças da pesquisa, nas tentativas metodológicas, fui compreendendo que era preciso respeitar os tempos e as vontades das crianças, nem sempre elas queriam falar sobre a instituição, sobre suas famílias ou sobre o Conselho Tutelarⁱⁱⁱ. Muitas vezes elas quiseram falar, contar de seus brinquedos, seus desenhos preferidos, sobre a escola, sobre os amigos, e em

outros momentos, queriam perguntar sobre mim, o que eu fazia, porque eu estava ali, onde estava minha família, e se na minha casa tinha comida. Clandinin e Connelly (2015) nos contam sobre a intimidade entre os participantes da pesquisa. As conversas-leitura com esses investigadores narrativos tem me permitido pensar sobre essa relação tão próxima entre o pesquisador narrativo e os participantes da pesquisa. Essa intimidade se faz tão necessária para que as experiências possam ser contadas, para que se possa falar e escutar com o corpo todo.

Ouvir as crianças foi uma busca constante e por vezes difícil, afinal, como entender o que elas estavam a me contar? Como compreender seus significados, não somente pelas palavras, mas também pelos gestos, silêncios e outras linguagens? Como perceber suas manifestações?

Apreendi, convivendo com as diferentes infâncias, que era possível vivenciar a experiência de uma escuta sensível às suas manifestações. A escuta sensível é aqui compreendida como uma ação que começa por não interpretar, por suspender qualquer juízo, mas que procura compreender o outro em sua totalidade por empatia (BARBIER, 1995).

Outro deslocamento importante foi “alfabetizar” o meu olhar, busquei olhar as cenas e movimentos daquele cotidiano, atentando para além do lugar-comum, buscando apreender os jogos de significação que se apresentavam, a fim de aprender com eles os significados e as marcas da instituição na produção de identidades infantis.

Assim, interessada em conhecer as particularidades dessas infâncias, fui atentando para as formas como as crianças agiam naquele espaço, com suas rotinas e regras. Eu estava junto com elas, em suas brincadeiras, nos momentos de banho, alimentação e interações. Atenta aos pequenos diálogos que elas teciam entre si e comigo. Momentos significativos, de trocas, conversas e escutas. Eu observava os momentos do banho, da alimentação e das conversas, os pequenos diálogos que estabeleciam com os adultos e com seus pares.

Registrar os movimentos, as falas e os olhares das crianças não foi um processo fácil, pois ao atentar para suas experiências me deparei com “uma multiplicidade de estruturas intelectuais complexas, muitas delas sobrepostas e entrelaçadas, muitas vezes estranhas, irregulares e implícitas” (GEERTZ, 1989, p. 10). Foi por meio da escuta, da vivência das rotinas e dos movimentos de escrita que fui percebendo a multiplicidade e a complexidade das manifestações infantis, atentando para princípios de metodologias minúsculas, como vem me contando Tiago Ribeiro e Adrianne Ogêda Guedes (2019, p. 18):

[...] aquelas que rompem com a normativa do método enquanto condição de cientificidade, que reforçam a importância das multiplicidades, das diferenças, da polifonia, do diálogo. Uma metodologia com letra minúscula,

compromissada com as singularidades, com o diferir, como sabor e o saber criado e vivenciado na pesquisa.

Aos poucos, fui percebendo as ausências e presenças nos caminhos investigativos. Nesse caminhar, fui compreendendo que para realizar pesquisa com crianças é preciso ter sensibilidade para perceber suas manifestações plurais. Nem sempre as estratégias que eu às oferecia, construídas atentamente em meus caminhos metodológicos, eram aceitas por elas. Percebi, conforme fui realizando a pesquisa, que diariamente os participantes da pesquisa, em suas culturas infantis, contavam-me sobre suas vidas na instituição. E assim, por meio desta compreensão, busquei escutar mais, escutar com o corpo inteiro.

Os caminhos metodológicos foram marcados por deslocamentos e dúvidas, e exigiram de mim sensibilidade e atenção para reconhecer outras formas de linguagens utilizadas pelas crianças, que vão além da palavra. Por muitos momentos, senti que seria impossível realizar a pesquisa. Escutar as manifestações infantis foi uma busca constante e difícil, que parecia fugir do meu alcance. Como entender o que contavam? Como dialogar de forma ética com quem era tão diferente de mim?

Os movimentos da pesquisa, a presença das crianças, o encontro com as leituras, permitiram-me realizar mudanças e escolhas metodológicas, um caminhar investigativo que ia sendo trilhado pelas marcas e presenças do outro. Nesse caminhar, um dos primeiros passos dados em direção a uma maior intimidade com os tempos e espaços de observação foi atentar, de forma sensível aos movimentos vividos com as crianças. A cada encontro pude ir construindo outros passos para a realização da pesquisa, um deles foi o registro sobre o vivido. Ao sair da instituição, registrava num caderno, como um diário de campo, as memórias recentes de cada manhã.

As observações e os registros foram fundamentais para que eu pudesse revisitar as escolhas metodológicas. Foi a partir de um olhar atento e de uma escuta sensível às narrativas escritas no diário de campo, que pude ir compreendendo outras interações e possibilidades metodológicas que as crianças estavam me apresentando.

Inicialmente, minha escolha metodológica para o levantamento de dado^{iv} foi a realização de entrevistas com as crianças. Como eu conhecia as crianças e elas me conheciam, pensei que seria possível a realização de entrevistas. Animada com a possibilidade de entrevistar as crianças, organizei roteiros, elegi perguntas que buscassem responder minhas inquietações: eu queria ouvir sobre o que pensavam da casa, se percebiam a organização e fragmentação dos tempos e espaços, se podiam contar como e porque moravam em uma casa de abrigo, se entendiam que apesar da terminologia casa elas moravam em uma instituição.

Compreendi que a pesquisa com crianças exigia de mim respeito às especificidades infantis e busquei fazer escolhas metodológicas que envolvessem o lúdico. E assim, partindo dessa compreensão, pensei como recurso metodológico, convidar as crianças para escrever um livro, em que elas poderiam criar personagens ou contar-se na história.

E assim, com a proposta metodológica construída, fui ao encontro das crianças. Eu podia ver o livro construído, imaginava as crianças contando suas histórias, respondendo minhas perguntas... O primeiro encontro foi para apresentar a crianças o que eu havia planejado e por uma postura ética, convidá-las a participar da pesquisa e ouvir como queriam ser representadas, por seus nomes ou por nomes construídos por elas.

Lembro de chegar à casa de abrigo, convidar as crianças e irmos para o quarto dos bebês. Escolhi este espaço da casa por ser o lugar que tinha mais silêncio, uma vez que não eram todas as crianças que participariam da pesquisa. Sentamos no chão em roda, pertinho da janela, eu e mais seis crianças. Elas tinham idades entre 2 e 6 anos. Eram as crianças da casa com menor idade. Eu estava animada, contei a elas que eu iria fazer um convite, disse que eu estava estudando para entender melhor as crianças e para isso eu estava fazendo uma pesquisa. Expliquei como seria, falei que a gente ia construir um livro e que elas poderiam ser as pessoas da história do nosso livro. Enquanto eu falava, elas buscavam explorar o espaço. O quarto dos bebês era um lugar pouco acessado por elas. Eu pensava que elas não me ouviam. Mas, elas caminhavam e de longe me olhavam, com um olhar que me parecia atento, apesar de ter clareza de que eu não havia conseguido comunicar a proposta.

Ao término deste encontro, que na minha compreensão traria o caráter epistemológico à pesquisa por meio da definição dos processos metodológicos, o sentimento era de insegurança. Eu pensava: será que é o espaço? será que é a forma como eu falo? Falei tempo demais ou tempo de menos? Será que elas entenderam o que eu propus? Em meio a tantas perguntas eu buscava dizer a mim mesma: calma, foi um primeiro encontro, o próximo será melhor. Porém, os encontros para a realização das entrevistas e produção do livro foram ficando cada vez mais frágeis, eu não conseguia vislumbrar o que havia planejado, e para mim, eram as entrevistas e a produção do livro que iriam garantir a pesquisa.

Saía frustrada desses encontros-entrevistas, pois as características específicas daquele grupo de crianças que aceitaram realizar comigo essa pesquisa, eram desrespeitadas pelos tempos e sequencialidade da entrevista. E foi atentando ao minúsculo, atentando às vozes e manifestações das crianças, por meio do registro e da escrita, que as entrevistas foram se configurando em momentos de conversa. Nem sempre as crianças queriam falar sobre o assunto

que eu propunha, foi preciso compreender e respeitar os tempos e as formas de conversa das crianças. Mas, as crianças estavam sempre dispostas ao encontro, queriam estar comigo, tanto quanto eu queria estar com elas. E nesse movimento com as crianças e com a dissertação fui vivendo os momentos de conversa enquanto metodologia de investigação.

Nos tempos do mestrado a conversa chegou a mim com uma experiência com as crianças. Atualmente tenho me aproximado de alguns estudos que apresentam a conversa como metodologia (GUEDES; RIBEIRO, 2018). Larrosa (2003, p.212) nos conta que “uma conversa não é algo que se faça, mas algo no que se entra... e, ao entrar nela, pode-se ir aonde não havia sido previsto...” As crianças me convidaram a entrar na conversa e assim construir como proposta metodológica para o desenvolvimento da pesquisa as entrevistas-conversas, como fiz referência na dissertação, meu primeiro movimento de itinerância metodológica.

E por meio dos momentos de entrevista-conversa, que eram organizados pelas crianças e também por mim, fui vivendo movimentos de familiaridade e estranhamento, que se fizeram presentes pelas andanças da pesquisa. Esses sentimentos, oportunizaram-me questionar algumas ações que inicialmente pareciam naturais, fosse nas rotinas, nos lugares ocupados pelas crianças ou no próprio funcionamento da instituição.

A relação entre mim (pesquisadora-adulta) e as crianças suscitou outro desafio, que foi superar o tratamento de vigilância que nós adultos comumente exercemos sobre elas, interferindo em situações que compreendemos como perigosas, problemáticas, violentas, ou mesmo nos conflitos que estabelecem entre si. As experiências desta pesquisa me fizeram compreender que uma pesquisa com crianças é completamente diferente e apresenta especificidades diferentes das pesquisas com adultos. Nas duas há jogos de poder e assimetrias, mas na relação entre adultos e crianças há mais distanciamentos e desigualdades, marcadas pelo tamanho físico, pelas relações de autoridade e pelos lugares políticos, sociais e cognitivos ocupados por adultos e por crianças.

Em função dessas desigualdades, a ética foi um princípio que orientou a pesquisa. Tornou-se cada vez mais necessário compreender que as crianças são atores sociais, para buscar romper com concepções de exercício de poder, de tutela e de vigilância, que, enquanto adulta, exercia sobre elas. Só foi possível atentar às histórias que me contavam, compreendendo seus pontos de vista, os seus sentimentos e as suas experiências, por entendê-las como produtoras de cultura, com vozes, pensamentos, sentimentos e ações sobre e com o mundo. Confesso que perceber as crianças como atores sociais e ativos na pesquisa não foi um processo fácil, e sim, um processo de construção e desconstrução de um olhar acerca das infâncias e do que é ser

criança. Foi necessário, a todo momento, percebê-las como pessoas capazes de falar sobre suas vivências, capazes de opinar e rejeitar, respeitando e compreendendo as especificidades com que se manifestam.

Foi revisitando meus registros no diário de campo, que percebi que não havia um tempo delimitado para as entrevistas-conversas, pois elas se estabeleciam pelo encontro. Todo encontro com as crianças para a vivência de entrevistas-conversas, eram tempos-espacos em que elas me contavam sobre a vida na instituição.

Encontros e conversas como proposta metodológica na pesquisa com crianças

Os estudos sobre investigação narrativa têm me levado a compreender que o encontro é uma característica da conversa enquanto metodologia, ou seja, um elemento constitutivo da conversa. Diana e a Analice (2019, p. 100 101), contam que:

[...] é no encontro que a conversa se produz enquanto possibilidade de problematizar, de formular nossas próprias questões. *Um encontro é talvez o mesmo que um devir. É do fundo dessa solidão que se pode dar qualquer encontro. [...] Encontrar é descobrir, capturar, roubar. Mas não há um método para descobrir, apenas uma longa preparação (Deleuze e Parnet, 2004).* [...] a conversa carrega em si a arte de problematizar, nos permitindo fabricar outras questões. [...] quando não há essa possibilidade de fabricar as próprias questões, ou seja, quando as questões nos são dadas, não temos muito a dizer; portanto, não há conversa.

O encontro com as crianças me fez entender e reconhecer a importância de fabricar as próprias questões. Minha proposta inicial apresentava um roteiro com temas e questões delimitadas por mim, não havia espaço para as problematizações das crianças. As questões dadas, as perguntas previamente pensadas, a entrevista tanto estruturada, como semiestruturada, não me permitiam ir além do que já esperava ouvir, e elas tinham tanto a me contar.

A experiência com as crianças me aproximou da conversa como metodologia de pesquisa, e permitiu-me escutar o que esse outro-criança tinha a dizer. Uma conversa com intencionalidade, com compromisso ético, estético e político, mas num tempo outro, garantindo o princípio da atenção ao que vai sendo contado, narrado, nesse encontro conversa. Uma metodologia que vai sendo tecida em movimentos de rigor flexível (GINZBURG, 1989), uma metodologia que tem espaço para a surpresa, para o inédito, para o que não é previamente planejado. Uma metodologia que acontece no encontro com a diferença, marcada pelo princípio da alteridade.

O vivido transformado em experiência me reaproximou da pesquisa. Este corpo grande, que foi se esticando, buscando habitar conceitos, compreender ações, significar práticas,

valorizar itinerâncias como presenças, pistas, apostas, ousadias investigativas, hoje tem como intenção metodológica realizar uma investigação narrativa no doutorado: a conversa.

Uma conversa não busca acordos ou desacordos, senão tensões entre duas biografias que se apresentam na hora do encontro. Uma conversa reúne, pelo menos, duas fragilidades. Só a confissão da mútua fragilidade (quer dizer, do que não sabemos, do que não podemos) instala uma relação conversacional. Uma conversa é uma atmosfera irrecuperável da qual sobrevive, apenas, a lembrança de um texto. (SKLIAR, 2018, p.12)

Andanças investigativas, itinerâncias metodológicas, princípios epistemológicos, que buscaram *encontrar um tempo no interior do tempo, com mais intensidade. Um tempo que conversa. Um tempo narrativo.* (SKLIAR, 2018, p. 12)

Um pouco sobre o que aprendi com as crianças nos encontros-conversas

As experiências desta pesquisa me ensinaram muito sobre a vida, as infâncias, as instituições, mas em especial, ensinaram sobre mim, ensinaram a ouvir, a perceber, a ver as presenças e as denúncias que acontecem no minúsculo. Voltar às narrativas desse movimento investigativo, de um contexto de uma instituição de abrigo, permitiu-me compreender o quanto as crianças recriam, superam as violências e ressignificam os espaços, com a mesma intensidade com que manifestaram querer estar com suas famílias, querer compreender suas origens, seu passado, negando as ofertas materiais que a instituição oferece (comida, limpeza, acesso bens materiais, tratamentos médicos e processos educativos). As infâncias institucionalizadas são marcadas por identidades infantis híbridas, que se constituem pelas lembranças e culturas de suas origens, e as novas culturas ofertadas pela instituição.

As vozes e os olhares das crianças me contaram sobre as práticas de institucionalização marcadas nos corpos infantis por meio da rigidez de algumas rotinas. Certo dia, em nossas entrevistas-conversas, perguntei o que elas achavam da hora do banho, alimentação e descanso. Entre brincadeiras, risos, desenhos e corpos em movimento, uma menina me diz: “Eu vou dormir quando me mandam, eu queria dormir quando eu quisesse”. Tais palavras me fizeram entender o quanto elas compreendem as rotinas como uma imposição da vontade adulta sobre suas vontades. Os ritmos, a participação, a relação com o mundo, a realização, a fruição, a liberdade, a imaginação e as diversas formas de sociabilidade são negadas em algumas rotinas. Para além de práticas de controle e disciplinamento, a forma impositiva nos conta sobre as interações adultos-crianças, cabendo aos primeiros a organização do tempo e dos espaços das últimas, tendo como horizonte seus tempos e lógicas de produção. No abrigo, todos precisam

dormir no mesmo horário, pois a profissional que cuida do sono, tem outros afazeres, que só podem ser feitos após todos dormirem.

Também pude entender que as práticas de abrigo tem maior eficácia para as infâncias economicamente desfavorecidas, oriundas de famílias pobres. As crianças também associam o fato de estarem institucionalizadas pela condição de pobreza financeira de sua família. Em nossas conversas, um dos meninos me disse: “a minha mãe chora de saudade. Eu também tenho saudade, mas não choro. A minha mãe chora, ela está pobre agora”.

Escutar e atentar às infâncias foi um desafio, que se fez no exercício, na sensibilidade e na confiança. As conversas entre adultos e crianças acontecem pelo princípio da confiança. Suas vozes, corpos e olhares contaram sobre rotinas, vidas institucionalizadas, diferenças de uma casa e de uma instituição de abrigo. Apesar de todo compromisso social da instituição, jamais, segundo as crianças, dará conta de substituir suas famílias e de contar sobre suas origens. Temos muito a aprender escutando as manifestações das infâncias, seja no abrigo, na escola, em casa, nas praças... E para isso, as conversas são caminhos metodológicos possíveis.

Hoje, compreendo que os caminhos que fui trilhando para realização da pesquisa orientaram minha caminhada profissional, tanto docente, quanto gestora escolar, pois os movimentos de escuta sensível, de empatia e a busca inicial por compreender esse outro, criança, adulto, estudante, professor, família foram me ensinando a ser educadora, professora, pedagoga, pesquisadora.

O reencontro com a pesquisa, agora por caminhos narrativos e (auto)biográficos, provocaram-me a revisar meus primeiros passos enquanto pesquisadora. As experiências vividas na construção da dissertação de mestrado, constituíram-me enquanto pessoa e enquanto profissional. Sim, as pesquisas precisam ter um compromisso transformador, a começar por quem pesquisa. O que aprendemos com nossos movimentos de pesquisa?

Ao longo desses catorze anos, é a primeira vez que partilho alguns escritos da dissertação, mas apesar de ter deixado o texto adormecido, os saberes que construí na pesquisa acompanharam minhas trajetórias profissionais e humanas, na busca constante por ouvir, compreender e atentar para as palavras, mas também para os gestos, os olhares e os silêncios que dizem muito sobre nós, sobre nossas instituições e nossas práticas educativas.

Que essas vozes e gestos ecoem, ressoem, e possibilitem formas outras de fazer pesquisa, de conviver com crianças, de organizar nossas instituições educativas, garantindo tempos/espacos de escuta, de presença, de afeto e afetação. Olho para esse passado, releio as palavras e a preocupação com a definição de uma metodologia, com o apego aos instrumentos

investigativos, e compreendo que o método, era o encontro. Atentar para as infâncias, vivenciar com elas as rotinas da instituição, perceber suas vidas institucionalizadas e assim inquietar-me, permitir ser afetada pelas perguntas que pulsavam, desconstruir concepções, foram os principais caminhos metodológicos que me permitiram viver uma pesquisa com crianças.

Referências:

- ALDERSON, P. **As crianças como pesquisadora: os efeitos dos direitos de participação sobre a metodologia de pesquisa**. EDUC. SOC., Campinas, v. 26, n. 91, 2005.
- BARBIER, R. **A escuta sensível em educação**. IN: BARBOSA, J. G. (coord). **Multirreferencialidade nas ciências e na educação**. São Paulo: EdUFSCar, 1998.
- CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F.M. **Pesquisa Narrativa – experiência e história em Pesquisa Qualitativa**. Tradução Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. 2ª ed., Uberlândia: EDUFU, 2015.
- CORSARO, W. A. **Sociology of childhood**. Califórnia: Pine Forge Press, 1997.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.
- FREIRE, P. **Professora sim, tia não!** Cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho d'água, 1997.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC – Livros técnicos e científicos. Editora S & A, 1989.
- GONDRA, J. G. **História, infância e escolarização**. Rio de Janeiro: 7letras, 2002.
- GRAUE, E. e WALSH, D. **Investigação etnográfica com crianças: teorias, método e ética**. Lisboa: Edição Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.
- GUEDES, A. O.; RIBEIRO, T. (orgs). **Pesquisa, alteridade e experiência - metodologias minúsculas**. Rio de Janeiro: Ayvu, 2019.
- KOLODY, H. **Sinfonia da vida**. Pólo editora, Paraná, 1985.
- LARROSA, J. A arte da conversa. IN: SKLIAR, C. **Pedagogia (improvável) da diferença: e se o outro não estivesse aí?** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- MONTANDON, C. Sociologia da infância: balanços dos trabalhos em língua inglesa. **Cadernos de Pesquisa**, n. 112, p. 33-60, 2001.
- PASSETI, E. Crianças carentes e políticas públicas. IN: PRIORE, M. D. (org). **História das Crianças no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2000.
- PLAISENCE, E. Para uma sociologia da pequena infância. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, v. 25, p. 221-241, 2004.
- QUINTEIRO, J. A emergência de uma sociologia da infância no Brasil. **Revista Perspectiva**, Florianópolis, v. 20, n. Especial, jul./dez, 2002.
- RIBEIRO, T.; SOUZA, R.; SAMPAIO, C. S. **Conversa como metodologia de pesquisa, por que não?** Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.

RIZZINI, I. Crianças e menores do pátrio poder ao pátrio dever – um histórico da legislação para a infância no Brasil (1830-1990). IN: PILOTTI, F.; RIZZINI, I. **A arte de governar crianças** – a história das políticas sociais, da legislação e da assistência à infância no Brasil. Rio de Janeiro: Instituto Interamericano Del Nino, Ed. Universitária Santa Úrsula, 1995.

RIZZINI, I. **Assistência à infância no Brasil** – uma análise de sua construção. Rio de Janeiro: Ed. Universitária Santa Úrsula, 1993.

SANTOS, M. A. C. dos. Criança e criminalidade no início do século. IN: PRIORE, Mary Del (org). **História das Crianças no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2000.

SARMENTO, M. J. “O que cabe na mão ...” – proposições para uma política integrada da infância. IN: RODRIGUES, D. (org). **Perspectivas sobre inclusão** – da educação à sociedade. Porto, Editora Porto, 2002.

SKLIAR, C. Elogio à conversa (em forma de convite à leitura). IN: RIBEIRO, T.; SOUZA, R.; SAMPAIO, C. S. **Conversa como metodologia de pesquisa, por que não?** Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.

ⁱ A palavra “abrigo” refere-se a uma medida de “proteção especial”, conforme Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) de caráter “provisória e excepcional” (ECA, art. 101, parágrafo único). Apesar das modalidades de acolhimento institucional previstas pelo Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa do Direito de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária (PNCFC) apresentarem como espaços de atendimento de proteção especial como Casa de Passagem, Abrigo de Pequeno Porte, Casa-Lar ou República, utilizei a expressão Casa de Abrigo, por assim ser chamada no período de realização da pesquisa.

ⁱⁱ AMARAL, Débora. Era uma vez uma casa de abrigo: os significados e as marcas da instituição na vida das crianças, 206 - UFPel. IN:

http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=85637

ⁱⁱⁱ Conselho Tutelar é um órgão permanente e autônomo, não jurisdicional, encarregado pela sociedade de zelar pelo cumprimento dos direitos da criança e do adolescente, conforme Lei nº 13.824, de 9 de maio de 2019.

^{iv} Em 2006 minhas referências epistemológicas estavam muito atreladas a uma concepção de pesquisa moderna. Atualmente, venho me aproximando de outros referenciais teórico-epistemológicos que me convidam a outras formas de ser e fazer ciência. Assim, no campo da pesquisa narrativa, este seria o tempo de produção dos textos de campo, como me mostraram Clandinin e Connelly (2015).